



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

A CONTRIBUIÇÃO DA LOGOTERAPIA E DA RESILIÊNCIA PARA O CUIDADO PASTORAL DOS QUE SOFREM: UM DIÁLOGO INICIAL¹

*The contribution of Logotherapy and Resilience in the pastoral care
of suffering people: An initial dialogue*

Lothar Carlos Hoch²

Resumo: O presente ensaio enfoca duas propostas relativamente recentes de enfrentar adversidades, especialmente situações traumáticas que causam desajustes psíquicos e as correspondentes manifestações na esfera física e espiritual. Essas propostas são a *logoterapia* e a *resiliência*. O objetivo é explorar preliminarmente em que medida essas escolas podem ajudar as igrejas e os centros de formação teológica a capacitar melhor seus ministros e suas ministras no exercício do aconselhamento pastoral junto a fiéis que vivem situações de crise profunda na sua alma.

Palavras-chave: Logoterapia. Resiliência. Situações traumáticas. Aconselhamento Pastoral. Protestantismo.

Abstract: This essay offers an initial reflexion on *Logotherapy* and *Resilience*, considering the potential role these two psychotherapeutical schools can play for Pastoral Counseling and Care, both in Pastoral Education as in the ministry towards people who suffer under the consequences of traumatic experiences.

Keywords: Logotherapy. Resilience. Traumatic Suffering. Pastoral Care in a Protestant Perspective.

¹ O artigo foi recebido em 17 de abril de 2013 e aprovado em 19 de agosto de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. O presente artigo tem como base uma palestra proferida pelo autor no *X Fórum ULBRA de Teologia*, Canoas/RS, em 05/10/2011.

² Doutor em Teologia pela Universidade de Marburg/Alemanha; professor emérito de Teologia Prática com ênfase em Aconselhamento e Psicologia Pastoral (ACPP) na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil; Reitor da EST entre 1999 e 2006; Criador e atual coordenador adjunto do Grupo de Pesquisa em ACPP na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: lothar@est.edu.br

Introdução

O sofrimento é tema central da teologia cristã e das religiões em geral, na medida em que a doença desnuda a fragilidade humana, confronta a pessoa com a possibilidade ou a iminência da sua morte e com a transitoriedade da vida. O sofrimento representa um desafio para a teologia e põe à prova a dogmática e a fé cristãs na tentativa de descobrir sua causa última e seu sentido. Eis porque o sofrimento é o foco central das ciências médicas na busca perene pela sua mitigação, pelo aumento da qualidade de vida e seu prolongamento. O sofrimento também é tema recorrente na filosofia, na medida em que essa se ocupa com a pergunta pela sua origem e seu sentido.

O presente ensaio propõe-se a examinar em que medida a logoterapia, surgida em meados do século passado, e a resiliência, que vem ganhando em importância nos dias atuais, são capazes de contribuir para a prática do aconselhamento pastoral e do cuidado dos que sofrem, numa perspectiva protestante. Essas duas escolas têm no sofrimento humano o foco central da sua proposta terapêutica. Tenho consciência de que a temática é excessivamente complexa para ser aprofundada neste espaço. Mesmo assim, entendo que seja válido oportunizar este diálogo inicial, uma vez que a teologia protestante tem na cura da alma um dos seus importantes pilares.

Compreensão da logoterapia a partir da obra *A presença ignorada de Deus*, de Viktor E. Frankl

Inicialmente quero dizer que tive o privilégio de conhecer Viktor Emil Frankl (1905-1997) pessoalmente, quando, no vigor de seus 80 anos de idade, participou do *I Encontro Humanístico Existencial* que teve lugar na Pontifícia Universidade Católica, em 1985, em Porto Alegre/RS. Por ocasião do referido simpósio, foi lançado o livro *A presença ignorada de Deus*, numa coedição entre as editoras Sinodal, Imago e Sulina, de cuja *Introdução*, escrita por Isar Aparecida de Moraes Xausa, idealizadora do evento, pretendo destacar alguns parágrafos.³

Da vida e obra de Frankl, Isar destaca o fato de ele ir “às profundezes do espírito humano, ultrapassando as fronteiras do psicofísico em direção à consciência, ao inconsciente espiritual e [...] à pessoa profunda. E nessa profundidade Frankl imagina poder encontrar vestígios da presença de Deus”⁴. Segundo Isar:

A Logoterapia, como análise existencial que é, reconhece no homem a “dimensão noológica” situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística. Especialmente nesta obra, Frankl aplica o conceito de inconsciente, encontrando no

³ FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1985. 122 p.

⁴ FRANKL, 1985, p. 7.

seu conteúdo, além da impulsividade inconsciente, uma espiritualidade inconsciente. Ao reconhecer o inconsciente espiritual, Frankl também afasta toda intelectualização e racionalização unilaterais sobre a essência do homem, que reconhecem-no somente a partir da razão. Vê no ser humano uma unidade na totalidade que inclui corpo, psiquismo e espírito (*noos*)⁵.

Desta forma, Frankl

introduz na prática terapêutica uma “psicologia a partir do espiritual”, entendida amplamente e incluindo a dimensão da religiosidade no inconsciente humano. Ela a encontra em alguns momentos limítrofes da existência de seus pacientes e ela tornou-se manifesta na trágica experiência dos campos de concentração nazista, onde Frankl foi o “psicólogo mártir”, que registrou com o olhar do cientista, e sofreu como homem aqueles momentos de dor. Ainda como terapeuta experiente, descobriu a religiosidade em estado latente no interior do sujeito, muitas vezes só revelada através da análise dos sonhos, inclusive de pessoas irreligiosas. É a essa tendência inconsciente para Deus que Frankl chamou de estado inconsciente de relação com Deus ou “presença ignorada de Deus”⁶.

Xausa faz questão de frisar que, segundo Viktor Frankl,

esta presença ignorada de Deus “não constitui a divinização do inconsciente [...] nem pode ser considerada a afirmação panteísta ou ocultista, nem é uma afirmação teológica de que Deus viva no inconsciente. Frankl fala de uma espécie de “fê inconsciente” e de um “inconsciente transcendental” que inclui a dimensão religiosa⁷.

Para complementar essa breve introdução ao pensamento de Frankl, quero fazer referência à relação entre logoterapia e religião ou – se assim o quisermos – entre logoterapia e aconselhamento pastoral. Segundo Isar A. Xausa,

o fim da psicoterapia é a saúde mental, enquanto o da religião é a salvação das almas. Portanto não se confundem. Entretanto, poderão resultar efeitos profiláticos ou psicoterapêuticos quando o homem experimenta alívio psicológico ao considerar a sua transcendência, ao encontrar o sentido último da vida em Deus ou ao sentir-se ancorado no absoluto⁸.

Mas demos a palavra ao próprio Frankl visando auscultar como ele entende a logoterapia e a sua contribuição para a compreensão da alma humana. A premissa básica exposta em seu livro *A presença ignorada de Deus* é a de que existe um sentimento religioso profundamente arraigado nas profundezas do inconsciente de cada pessoa.⁹ E, para ilustrar o que diz, Frankl recorda o depoimento de um aluno seu da

⁵ FRANKL, 1985, p. 8.

⁶ FRANKL, 1985, p. 8.

⁷ FRANKL, 1985, p. 8.

⁸ FRANKL, 1985, p. 9.

⁹ FRANKL, 1985, p. 12.

Universidade Internacional de San Diego, na Califórnia, que fala de um paciente psiquiátrico que se referia a Deus nos seguintes termos:

No momento mais escuro de minha vida, quando estava abandonado como um animal numa jaula, e no esquecimento produzido pelas drogas, eu não podia chamá-Lo; mas Ele estava presente. Na solidão escura do poço onde os homens me abandonaram, Ele estava presente. Quando eu não sabia Seu nome, Ele estava presente; Deus estava ali¹⁰.

Mais adiante, Frankl fala de um prisioneiro que, aos 54 anos de idade, se sentia arruinado e irrevogavelmente perdido, e que um dia foi visitado por um psiquiatra designado pela Justiça, por quem se sentiu acolhido, pois o tratou como um ser humano. Esse prisioneiro se recorda que, numa noite, “no silêncio de minha pequena cela, experimentei um sentimento religioso muito fora do comum, que nunca havia experimentado antes; fui capaz de orar, e com a mais absoluta sinceridade, aceitei a Vontade Superior, a quem entreguei minha dor e tristeza como algo que faz sentido [...] Daí em diante, tenho passado por uma fantástica recuperação”¹¹.

Ao comentar a experiência desse prisioneiro, Frankl a caracteriza como uma expressão da “procura do homem pelo sentido da vida” e, por conseguinte, ele considera legítimo definir a religião como a “procura do homem pelo sentido da vida”. Ele recorda que, em seu primeiro livro *Ärztliche Seelsorge* (1946), ele já argumentava que “não é o homem quem faz a pergunta ‘qual é o sentido da vida?’, e sim é a própria vida que lhe faz esta pergunta”¹². Cabe-lhe, como nenhum outro ser na face da terra, responder de forma consciente e responsável a essa pergunta, pois “o homem somente existe autenticamente quando não está sendo dirigido, mas quando é responsável”¹³.

Para finalizar essa breve introdução ao pensamento de Viktor Frankl, quero destacar o papel positivo que ele atribui – no âmbito do inconsciente espiritual – à religiosidade inconsciente. Ele a caracteriza como uma “relação latente com a transcendência” que é “intrinsecamente inerente ao ser humano”¹⁴. Frankl faz questão de frisar que com isso não está falando de um “Deus (que) está dentro de nós” ou que “habita em nosso inconsciente”. O que Frankl destaca é o poder terapêutico que resulta da relação da pessoa que sofre “com um Deus que está em si oculto”, mas com o qual o sofrente se relaciona.¹⁵

Desse modo, mesmo sem pretender oferecer uma prova da existência de Deus na imanência do inconsciente humano, Frankl surpreende ao afirmar que, mesmo que o ser humano “não pode falar de Deus”, ele “pode falar a Deus”, ou seja, o ser humano “pode orar”¹⁶. Ele chega a defender esta tese:

¹⁰ FRANKL, 1985, p. 12.

¹¹ FRANKL, 1985, p. 13.

¹² FRANKL, 1985, p. 22.

¹³ FRANKL, 1985, p. 24.

¹⁴ FRANKL, 1985, p. 47.

¹⁵ FRANKL, 1985, p. 47.

¹⁶ FRANKL, 1985, p. 50 (nota 3).

Ocasionalmente a causa da existência neurótica há de ser encontrada numa deficiência, em que está reprimida a relação da pessoa com a transcendência. Mesmo oculta no *inconsciente transcendente*, a transcendência reprimida se mostra e se faz notar como *desassossego do coração*¹⁷.

Construindo pontes entre logoterapia e resiliência

Breve introdução ao conceito de resiliência

Inicialmente trago algumas definições do conceito “resiliência”. Susana Rocca, que se doutorou na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, com uma pesquisa sobre o assunto, lembra com propriedade que,

mesmo que a formulação do conceito de resiliência seja relativamente nova, as buscas de superar as adversidades e a obtenção significativa de bons resultados são tentativas do ser humano desde o início da história. O primeiro que usou, em sentido figurado, o termo resiliência foi o conhecido psicólogo John Bowlby (1992) e definiu-a assim: “recurso moral, qualidade de uma pessoa que não desanima, que não se deixa abater”¹⁸.

Acrescento uma definição citada por Luis Cruz Villalobos do conceituado Centro de Investigación de Resiliencia y Espiritualidad de Santiago do Chile.¹⁹

La palabra Resiliencia [...] proviene de la física, puntualmente de la Ingeniería. Es un concepto que se usa para definir la capacidad de ciertos materiales para recuperar su estructura original luego de haber sufrido un impacto que los deformó. En el ámbito de la salud, la psicología y las ciencias sociales, el concepto es empleado (en las últimas décadas) como la capacidad de los sujetos e incluso de los grupos sociales de resignificar situaciones adversas a partir de la creación de posibilidades de salida de las mismas, a estados, incluso, de mayor bienestar que los previos al trauma o condición desfavorable (Cf. Ramognini, 2008).

Segundo minha compreensão, numa perspectiva antropológica e pastoral, resiliência é a capacidade humana de extrair do íntimo do seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades. É como se Deus tivesse colocado dentro de nós, no fundo da nossa alma, um tanque de reserva. E nós precisamos saber disso, acreditar nisso. Assim, quando achamos que o combustível da vida está no fim, saibamos que podemos contar com uma força extra, quase secreta, que habita em nós. Algumas pessoas não acreditam nessa força, não fazem uso dela, e por isso entregam os pontos

¹⁷ FRANKL, 1985, p. 51.

¹⁸ Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, L. C.; ROCCA, S. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé*. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. p. 11.

¹⁹ Apud VILLALOBOS, Luis Cruz. *Constructores de Resiliencia?* Algunas aproximaciones desde la Resiliencia al Pentecostalismo chileno. Santiago de Chile, 2009. Disponível em: <www.cires.webs.com>. Acesso em: 29 set. 2011.

muito cedo. Outras, em situações extremas, fazem uso dela e, para a surpresa de médicos e de psicólogos, saem curadas ou fortalecidas. Tais pessoas são como o metal que passa pelo fogo, se retorce, se modifica, adquire novas formas, e, no final, saem mais fortalecidas do que antes. Creio que Deus, na sua maravilhosa obra da criação, colocou essa força em todos nós, quer sejamos cristãos ou não cristãos. Creio que Sigmund Freud, quando falava do instinto de vida, se referia a essa força oculta que habita em nós. Como cristão, acredito que a fé ajuda a despertar essa força, muitas vezes adormecida dentro de nós. A fé é capaz de alimentar essa força. Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar essa força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que vem a fortalecer essa força vital própria com a qual Deus, o Criador, já nos presenteou no ato de nascermos.²⁰

Logoterapia como instrumento de promoção de resiliência

A ideia de que a logoterapia tem afinidade com a teoria da resiliência já foi postulada por Vanistendael, um dos pioneiros dessa ciência. Em seu livro “Como crescer superando os percalços”²¹, o autor menciona de forma expressa a pergunta pelo sentido da vida como um dos cinco âmbitos essenciais para a promoção da resiliência.

Outra ponte entre resiliência e logoterapia é construída por Gregory Kennedy, professor de Filosofia no Corpus Christi College, do Canadá. Ele, reportando-se a Nietzsche, afirma que “resiliente é aquele que tem uma razão para viver”, e por isso “pode suportar qualquer forma de fazê-lo”. Segundo Kennedy, o psiquiatra Viktor Frankl “hauriu muita seiva dessa profunda reflexão, quando, num contraponto a Freud, afirma que o impulso humano primário não é de natureza sexual, senão existencial”²².

Kennedy lembra que Frankl

teve a terrível oportunidade de provar empiricamente sua original teoria psicológica no infernal laboratório do Holocausto. Em sua qualidade de prisioneiro de Auschwitz, descobriu o denominador comum entre os sobreviventes daquela incessante brutalidade: toda vida capaz de reter algum propósito ou razão para existir, pese a seu estado físico, tende a perdurar²³.

Recentemente descobri um artigo na revista *Estudos de Psicologia* que igualmente estabelece uma relação entre a logoterapia de Frankl e os resultados de um dos primeiros estudos empíricos sobre resiliência.²⁴ Os autores se perguntam se a dor “é

²⁰ HOCH, L. C. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH; ROCCA (Orgs.), 2007, p. 72s.

²¹ VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los percalces*: resiliência: capitalizar las fuerzas del individuo. Ginebra: BICE, 1995. p. 6.

²² O artigo foi publicado na revista *Promotio Iustitiae*, n. 105, janeiro de 2011. Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br>. Acesso em: 17 mar. 2011.

²³ Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br>. Acesso em: 17 mar. 2011.

²⁴ SILVEIRA, Daniel R.; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out.-dez. 2008. p. 567s.

meramente destrutiva, ou é possível transformá-la em oportunidade de crescimento?” A partir daí fazem referência a uma pesquisa realizada na ilha de Kauai, no Hawaí, entre uma população altamente vulnerável em situação de pobreza e violência a qual foi acompanhada ao longo de trinta anos por uma equipe e que, para sua surpresa, ao final da sua inserção, constatou que um terço dessas pessoas não sofreu danos psíquicos.

Os achados científicos mostraram que a resiliência não é um atributo fixo ou um traço de personalidade, mas sim algo que se constrói como um tecido no espaço entre indivíduo e sociedade. Não é somente individual, nem somente social. Envolve outras pessoas, é dinâmica e forma-se sempre com a presença de um outro humano que dê suporte à pessoa que sofre, oferecendo uma escuta compreensiva, uma presença motivadora. A resiliência passou a ser então uma nova lente, uma nova chave de compreensão da experiência humana que, intrinsecamente, vêm marcadas pelo sofrimento.²⁵

Assim, cresce entre os pesquisadores a convicção de que a resiliência “passou a ser [...] uma nova lente, uma nova chave de compreensão da experiência humana que, intrinsecamente, vêm marcadas pelo sofrimento”²⁶. Assim, Silveira e Mahfoud destacam a importância da assertiva de Frankl de que “a existência humana direciona-se sempre para além de si mesma, indicando um sentido”, ou seja, é importante que a pessoa assuma atitudes que a aproximem da realização daquilo que tem sentido²⁷. É igualmente significativo que os autores do artigo – que são psicólogos! – destaquem o papel da “religião autêntica [...] como uma grande força de segurança para o homem”, a saber, “a segurança numa ancoragem na transcendência, no Absoluto”²⁸. E, nesse contexto, os autores mencionados citam Frankl, o qual lembra que “Ser homem significa [...] ser para além de si mesmo [...] Ser humano significa ordenar-se em direção a algo ou alguém: entregar-se [...] a uma obra a que se dedica, a uma pessoa que ama, ou a Deus, a quem serve”²⁹.

Silveira e Mahfoud destacam que outros estudiosos da resiliência, como Vanistendael & Laconte, igualmente coincidem com as assertivas de Frankl, ao destacarem que, em meio ao imponderável, “a liberdade humana”, “a busca de sentido” e “a força de resistência do espírito” são considerados “pilares da resiliência”³⁰.

Sob o ponto de vista da teologia pastoral é interessante constatar que há especialistas que fazem referência à tradição bíblica em seus estudos. No artigo citado acima, por exemplo, se faz referência ao livro de Jó, como uma metáfora que ilustra essa trajetória, na qual “um ser humano é provado até as últimas conseqüências, como ferro em brasa sofrendo as vigorosas marteladas do ferreiro para que daí surja uma ferramenta refinada”³¹.

²⁵ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 567.

²⁶ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 568.

²⁷ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 571s.

²⁸ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 571.

²⁹ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 572.

³⁰ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 573.

³¹ SILVEIRA; MAHFOUD, 2008, p. 568.

As ponderações feitas evidenciam que, mesmo não havendo uma coincidência de argumentação, é possível observar alguns pontos de convergência entre a logoterapia de Frankl e os estudos sobre a resiliência. Esses pontos de convergência abrem uma perspectiva interessante de diálogo com a pastoral, mais precisamente com o aconselhamento e o cuidado pastoral, que, a meu ver, vale a pena aprofundar.

Breve referência ao exercício do cuidado pastoral numa ótica protestante

O estudo e a prática tanto da resiliência quanto da logoterapia ganham em atualidade em uma sociedade cada vez mais patogênica e neurotizante, na qual as pessoas estão se orientando de forma crescente para o mundo exterior e fugindo do contato com sua vida interior, suas angústias e necessidades espirituais.

A meu ver, uma proposta de aconselhamento pastoral de matiz protestante pode se beneficiar dessas duas escolas psicoterapêuticas na prática do cuidado de pessoas que passaram por experiências traumáticas, tanto na esfera psicofísica quanto na espiritual. O primeiro grande desafio para o aconselhamento e o cuidado pastoral consiste em ajudar as pessoas a se relacionarem mais intensamente consigo mesmas, em encorajá-las e a conduzi-las, com muito cuidado, no aprendizado de ouvir-se a si mesmas e de auscultar a sua própria alma, seus movimentos e suas dores.

O testemunho bíblico – único fundamento legítimo da teologia protestante – está repleto de passagens e de momentos em que pessoas se põem em contato com o seu mundo interior como forma de encontrar consolo e alívio. Ele é claro no tocante à necessidade do ser humano de se relacionar consigo mesmo e de se apresentar desnudo perante Deus para receber alívio do seu sofrimento. Nesse sentido, é paradigmática a forma como o autor do Salmo 31 derrama perante Deus a sua angústia:

[...] Tem misericórdia de mim, ó Senhor, porque estou angustiado; consumidos estão de tristeza os meus olhos, a minha alma e o meu corpo. Porque a minha vida está gasta na tristeza, e os meus anos em suspiros; a minha força descai por causa da minha iniquidade, e os meus ossos se consomem. Por causa de todos os meus inimigos, fui opróbio dos meus vizinhos, e um horror para os meus conhecidos: os que na rua me viam, fugiam de mim. Estou esquecido no coração deles, como um morto; sou como um vaso quebrado (v. 8-12).

Ao se reportar à depressão como uma das marcas do nosso tempo, Antônio Mápoli lembra que

quando estão bem, alguns amam a si mesmos, alguns amam outros, alguns amam o trabalho e alguns amam a Deus: qualquer uma dessas paixões pode fornecer o sentido vital de propósito que é o oposto da depressão. O amor nos abandona de tempos em tempos e nós abandonamos o amor. Na depressão a falta de significado de cada empreendimento

e de cada emoção, a falta de significado da própria vida se torna evidente. O único sentimento que resta nesse estado despido de amor é a insignificância³².

Os reformadores que, a propósito, tinham o hábito de se confessar regularmente, estavam mais próximos da sua vida interior do que as pessoas na cultura hodierna, onde se prefere recorrer a medicamentos para “acalmar” a alma.³³ Assim, por exemplo, João Calvino, em seu comentário ao Salmo 32, faz referência a essa questão quando diz:

[...] às vezes, os que são torturados pela tristeza, chegam ao ponto de suas dores corroerem e devorarem interiormente e guardam veladamente em seu íntimo sem confessá-las, a violência de suas tristezas se irrompe com tanto ímpeto que não mais pode contê-la³⁴.

Nos dias atuais as pessoas encontram crescente dificuldade para descrever em palavras a dor que mora no interior da alma humana. Durante a redação final deste artigo, encontrei quem soubesse expressar com rara felicidade a profundidade dessa angústia. Diz Benedetti³⁵:

[...] a lua, quando perdeu seu grande amor, “teceu com suas inumeráveis lágrimas um manto que lhe arrancasse o frio que veio habitar sua alma, mas esse frio era tão insondável quanto o tempo, e nunca desapareceu, pelo contrário, converteu-se em companheiro eterno de seu andar”. De onde já não chegam as palavras... sempre chegarão as lágrimas.

Parece ter razão o pensador León Bloy que dizia que “há regiões do coração que só se desvelam mediante a dor”³⁶. A confissão de um doente confirma essa experiência, quando reconhece:

[...] aquele médico me fez reparar e expressar coisas estranhas, que estavam imersas no fundo de mim, das quais não tinha consciência. Sinto-me aliviado por tê-las descoberto e expressado. Tenho a impressão de avançar no reconhecimento de meu eu profundo. Minhas antigas dores muito se atenuaram³⁷.

³² A depressão no contexto da história da doença e da religião (Manuscrito) apud SOLOMON, Andrew. *O demônio do meio-dia*. Uma anatomia da depressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 15.

³³ Desejo esclarecer que não sou avesso ao uso de medicamentos para o tratamento de doenças. Sou grato a Deus que esses existem, pois há inúmeras circunstâncias em que os medicamentos são a única fonte de alívio para as dores do corpo e da alma. Refiro-me criticamente tão somente ao fato de um número crescente de pessoas estar recorrendo a medicamentos como uma forma de fugir de um encontro e um confronto consigo mesmas e para continuar velejando nas águas turvas da superficialidade.

³⁴ Apud MÁSPOLI, Antônio et al. (Org.). *Eclipse da Alma*. A depressão e seu tratamento sob o olhar da psiquiatria, da psicologia e do aconselhamento pastoral solidário. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 31.

³⁵ “De onde não chegam as palavras...”. Disponível em: <www.ihuonline.unisinos.br>. Acesso em: 16 ago. 2013.

³⁶ Apud JUNGES, José Roque. Enfoque bioético da morte. In: BRUSTOLIN, Leomar A. (Org.). *Morte*. Uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST, 2007. p. 64.

³⁷ LEPARGNEUR, J. A liberdade da pessoa enfrenta o sofrimento. *O Mundo da Saúde*, v. 28, n. 3, 2004, p. 254. Apud JUNGES, 2007, p. 64.

Considerações finais

Valorizar a logoterapia e a resiliência como propostas terapêuticas capazes de enriquecer a teoria e a prática do aconselhamento pastoral numa perspectiva protestante não pode prescindir da dialética teológica entre fraqueza e força, entre a realidade da cruz e da ressurreição. Pelo contrário, é necessário afirmar a presença de Deus em meio a sua aparente ausência. Essa dialética se constitui em um dos pilares teológicos do protestantismo.

Basta lembrar as angústias (“Anfechtungen”) vividas pelo jovem Lutero, especialmente nos anos em que passou no Convento Agostiniano, e o alívio que recebeu através da orientação espiritual de seu confessor Johannes Staupitz.³⁸

E como ninguém é capaz de expressar essa dialética de forma melhor do que o próprio Lutero, finalizo com uma prece sua que é de uma beleza e profundidade teológica rara. Reproduzo-a em português numa tradução própria e o original em nota de rodapé.

*Tu és um Deus maravilhoso e amoroso
Tu nos conduzes de forma cuidadosa e amistosa
Tu ouves nosso clamor quando nos humilhas
Tu nos tornas justos quando fazes de nós pecadores
Tu nos conduzes ao céu quando nos jogas no inferno
Tu nos dás a vitória quando permites que sejamos derrotados
Tu nos consolas quando nos deixas enlutados*

*Tu nos tornas alegres quando nos deixas em pranto
Tu nos fortaleces quando sofremos
Tu nos transformas em sábios quando nos fazes de tolos
Tu nos fazes ricos quando nos envias a pobreza
Tu fazes de nós senhores quando nos tornas teus servos.
Amém.³⁹*

³⁸ Nesse particular, convém lembrar que o orientador espiritual precisa trabalhar em estreita sintonia com o médico, o psicólogo ou o psiquiatra, uma vez que as assim chamadas “dores da alma” são de natureza complexa e exigem um acompanhamento competente. Frankl faz menção à direção de almas “médica e pastoral” como sendo complementares, quando diz “[...] a direção de almas médica não é sucedâneo da direção de almas feita pelo sacerdote, que continua sendo o que é. Mas, quer queira quer não, o médico pode confrontar-se com situações que o constroem a empreender uma direção de almas”. Cf. FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. São Paulo: Quadrante, [s.d.], p. 295.

³⁹ LUTHER, Martin. *Lebensworte*. Ausgewählt von Johannes Hanselmann und Peter Helbich. Stuttgart: Quell Verlag, 1995. p. 11. *Du bist ein wunderbarer, liebevoller Gott. Du regierst uns wunderbar und freundlich. Du erhörst uns, wenn du uns erniedrigst. Du machst uns gerecht, wenn du uns zu Sündern machst. Du führst uns gen Himmel, wenn du uns in die Hölle stösst. Du gibst uns Sieg, wenn du uns unterliegen lässt. Du tröstest uns, wenn du uns trauern last [...] Du machst uns singen, wenn du uns weinen lässt. Du machst uns stark, wenn wir leiden. Du machst uns weise, wenn du uns zu Narren machst. Du machst uns reich, wenn du uns Armut schickst. Du machst uns zu Herren, wenn du uns dienen lässt. Amen.*

Referências bibliográficas

- DITTRICH, Larissa Fernanda. *A dimensão noética em Viktor Frankl*. Monografia de Especialização. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006. 36 p.
- FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Porto Alegre: Sulina; São Leopoldo: Sinodal, 1985. 122 p.
- _____. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. Fundamentos da Logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, [s.d.].
- HOCH, L. C. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. In: HOCH, L. C.; ROCCA, S. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé*. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007. “De onde não chegam as palavras...”. Disponível em: <www.ihuonline.unisinus.br>. Acesso em: 15 ago. 2013
- JUNGES, José Roque. Enfoque bioético da morte. In: BRUSTOLIN, Leomar A. (Org.). *Morte*. Uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST, 2007.
- LUTHER, Martin. *Lebensworte*. Ausgewählt von Johannes Hanselmann und Peter Helbich. Stuttgart: Quell Verlag, 1995.
- MÁSPOLI, Antônio de A. Gomes et al. (Org.). *Eclipse da Alma*. A depressão e seu tratamento sob o olhar da psiquiatria, da psicologia e do aconselhamento pastoral solidário. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. 290 p.
- MELO, Fábio de. *Quando o sofrimento bater à sua porta*. São Paulo: Canção Nova, 2008. 240 p. *Promotio Iustitiae. IHU Online*, n. 105, São Leopoldo: UNISINOS, janeiro de 2011.
- ROCCA, Susana. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, L. C.; ROCCA, S. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé*. Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.
- SILVEIRA, Daniel R.; MAHFOUD, Miguel. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out.-dez. 2008.
- VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los percances*: resiliência: capitalizar las fuerzas del individuo. Ginebra: BICE, 1995
- VILLALOBOS, Luis Cruz. *Constructores de Resiliencia?* Algunas aproximaciones desde la Resiliencia al Pentecostalismo chileno. Santiago de Chile, 2009. Disponível em: <www.cires.webs.com>.